

Reflexos do conceito de identidade cultural na imprensa imigrante¹

Autora: Camila Escudero

Instituição: Universidade Metodista de São Paulo²

Resumo

Entender como o conceito de identidade cultural (e seu envolvimento com a etnia e a comunidade) pode ser aplicado, verificado e debatido nos meios de comunicação — em especial o jornal impresso — produzidos por imigrantes, em suas línguas de origem, para veiculação em suas respectivas comunidades (colônia italiana, japonesa, alemã, portuguesa etc.) instaladas na capital paulista. Este é o principal objetivo desta breve reflexão teórica. O tema ganha ainda mais relevância se considerarmos como se dá a conciliação de uma identidade cultural definida e arraigada com o que é chamado de sociedade intercultural, de característica híbrida e marcada, por um lado, pelo etnocentrismo e, por outro, pela possibilidade de mestiçagem. O presente trabalho parte integrante do projeto de dissertação “A Imprensa Imigrante de São Paulo”, ainda em fase de produção na Universidade Metodista de São Paulo.

Palavras-chaves

Identidade cultural; etnia; imprensa imigrante; comunidade.

O presente trabalho é uma breve reflexão teórica sobre os conceitos de identidade cultural, comunidade e etnia. É parte integrante do projeto de dissertação “A Imprensa Imigrante de São Paulo”, ainda em fase de produção na Universidade Metodista de São Paulo. O objetivo é entender como o conceito de identidade cultural pode ser aplicado, verificado e debatido nos meios de comunicação — em especial o jornal impresso — produzidos por imigrantes³, em suas línguas de origem, para veiculação em suas respectivas comunidades (colônia italiana, japonesa, alemã, portuguesa etc.) instaladas na capital paulista. O tema ganha ainda mais relevância se considerarmos como se dá a conciliação de uma identidade cultural definida e arraigada com o que

¹ Trabalho apresentado ao NP 13 – Comunicação e Cultura das Minorias — Intercom 2005;

² Bacharel em Jornalismo pela UMESP e especialista em Jornalismo Internacional pela PUC-SP. Atualmente, aluna do programa de Mestrado da UMESP, em Comunicação Social, com interesse de pesquisa em mídia comunitária (especificamente a imprensa imigrante). Bolsista Capes e estagiária docente no curso de Jornalismo da UMESP. camilaescudero@uol.com.br

³ Considera-se aqui imprensa imigrante os jornais impressos publicados por imigrantes e/ou seus descendentes para circulação, em especial, na sua colônia. Essas publicações são feitas em língua vernácula, e divulgam, entre outros assuntos, as necessidades de determinada comunidade, sua cultura, valores, crenças etc., ao mesmo tempo em que trazem notícias de sua terra natal e anúncios publicitários de produtos consumidos pelos seus leitores. Geralmente são vendidas em bancas dos bairros onde se concentra a colônia, por assinatura ou associações de imigrantes. Em São Paulo, há vários exemplos de jornais que se encaixam nesta categoria: Fanfulla e Giornale Emigrazione (voltados para a comunidade italiana), Nikkey Shinbun e Jornal Nipo-Brasil (da colônia japonesa), Brasil Post e Deutche Zeitung (alemães), entre outros.

é chamado de sociedade intercultural, de característica híbrida e marcada, por um lado, pelo etnocentrismo e, por outro, pela possibilidade de mestiçagem.

Sabemos que a identidade cultural está intimamente ligada com os costumes, as tradições, os hábitos, os valores, as crenças e o modo de viver em si de um determinado povo. Além disso, é preciso considerar o sentimento de pertencimento a uma comunidade ou mesmo a uma sociedade. A questão é que é sabido também que a imigração causa o desenraizamento do indivíduo ou de até um grupo. Esse processo certamente gera, no mínimo, insegurança pelo rompimento dos vínculos sociais e pela perda dos pontos de referência culturais, sociais e religiosos, podendo levar, entre outros fatores, à dispersão de identidade. Essa perda de um sentido de si é o que Stuart Hall (2005, p. 09) chama de “deslocamento ou descentração do sujeito”. E, “quanto maior é o sofrimento ao deixar seu país, mais o imigrante luta para preservar sua cultura e tradições”⁴. Neste contexto, os fatores etnia, língua, e comunidade são características mais que fundamentais no processo de manutenção e consolidação de uma memória coletiva que culmina, em última instância, na preservação de uma identidade.

Manuel Castells (1999, 22/23) relaciona o conceito de identidade a atores sociais e diz que ela é “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. No caso, os atores sociais são os imigrantes e, ainda segundo o próprio autor, para eles podem haver identidades múltiplas. “No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição, tanto na auto-representação quanto na ação social”. Isso porque a identidade constitui fonte de significado para os próprios autores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação, ou seja, ela é autoconstruída. “As identidades somente assumem tal condição quando e se os atores sociais se internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização (...) Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados”. Essa construção de identidade, ainda de acordo com Castells, vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelação de cunho religioso.

Nesse sentido de construção da identidade, Stuart Hall afirma que na verdade, as identidades não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.

⁴ FREITAS, Sônia Maria. **Falam os Imigrantes...Memória e Diversidade Cultural em São Paulo**. Tese de doutorado apresentada em cumprimento parcial às exigências do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2001.

Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos — um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia de nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade” (Schwarz, 1986, p. 106). (HALL, 2005, p. 49)

Evidentemente que é necessário destacar que o primeiro autor se refere a uma identidade na sociedade em rede, ao passo que o segundo, a uma sociedade pós-moderna. Porém, a questão é como ambos vêem a identidade num processo de mudança, no qual os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável estão abalados. E justamente isso se dá na imigração. Não importa o motivo que levou o indivíduo ou o grupo a migrar — pobreza, surtos de doença, seca, fome, subdesenvolvimento econômico, guerras, distúrbios políticos (regimes arbitrários) e até fatores de ordem íntima. Também não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça. O que está em jogo é a possibilidade de unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma família ou à mesma comunidade.

Torna-se então importante e até essencial a relação identidade cultural e comunidade. Isso porque é na comunidade que essa identidade será preservada, cultivada, perpetuada, enfim, construída. Como diz Castells (1999, p. 23), “as comunidades, construídas por meio da ação coletiva e preservadas pela memória coletiva, constituem fontes específicas de identidades”. Nesse sentido, quando as pessoas se agrupam em comunidades por um longo tempo geram um sentimento de pertencimento e, em muitos casos, o que o autor chama de “identidade cultural comunal”. No entanto, conforme afirma Cicília Peruzzo, a comunidade não pode ser confundida com bairro, cidade ou com segmentos étnicos, religiosos, de gênero, acadêmicos etc. “Ela pressupõe a existência de elos mais profundos e não meros aglomerados humanos”.

São características da comunidade que têm perdurado no tempo, embora assumam novas feições, linguagens e interpretações: sentimento de pertença; participação; interação; objetivos comuns; interesses coletivos acima dos individuais; identidades; cooperação; confiança; cultura comum etc.

(...) Comunidade nos dias atuais carrega noções de “coisas” em comum, de laços fortes entre os membros e de um “movimento” em torno do coletivo que supera as amarras do individualismo. (PERUZZO, 2003, p. 56).

Mas por que essas comunidades se formam? Uma resposta pode ser atribuída ao que Alain Bourdin chama de “evidência da falta”.

A evidência da falta nos é oferecida pelas diásporas contemporâneas: ainda quando a situação de uma minoria emigrada é satisfatória, o sentimento de exílio, a nostalgia e o desejo de encontrar novamente sua terra, de estar na própria casa muitas vezes se afirmam. Eles se exprimem facilmente numa reivindicação nacional, particularmente, entre as minorias em perigo, mas também na dolorosa ausência de um “em-casa”, no lar, no bairro, na aldeia. (BOURDIN, 2001, p. 32)

Outra possível explicação é a herança cultural presente nas comunidades. É nela que o passado pesa de maneira determinante sobre o presente e a genealogia constitui o instrumento maior de compreensão social.

As sociedades evoluem de pequenos conjuntos mais ou menos isolados e fortemente inseridos em territórios para conjuntos mais vastos, mas estratificados e nos quais a relação com o território é menos imediata. Nestas condições, o que é a expressão mais direta da herança do passado é sempre de ordem local, fundador sem ser natural. (BOURDIN, 2001, p. 42)

Dessa maneira, podemos entender então que as colônias de imigrantes que se utilizam de um veículo de comunicação impresso para manter e construir suas identidades nada mais estão fazendo do que formando uma comunidade. É muito comum se ouvir falar em “comunidade japonesa, italiana, judaica etc. em São Paulo”. Há um sentimento de pertencimento, uma ação em prol do bem comum (a colônia). E os imigrantes ainda têm a seu favor a questão da língua, um atributo fundamental de auto-reconhecimento. Não é necessário que se implante um sistema de normas para que essas comunidades ocorram. A integração social e o “reconhecimento pelo outro” se baseia, segundo Alain Bourdin, na semelhança dos membros que são os próprios portadores do sistema de normas.

Essa vontade de estar entre os semelhantes, de fundamentar o social sobre a semelhança se encontra nos movimentos étnicos: ainda que estes veiculem outras coisas, em particular referências históricas e a idéia de um destino comum que pode autorizar algumas semelhanças, estes movimentos têm um forte componente de afirmação e semelhança. (BOURDIN, 2001, p. 77)

A imprensa imigrante não deixa de ser um “movimento étnico”. Porém, é necessário destacar que a etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais — língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” — que são partilhadas por um povo. Conforme explica Bourdin (2001, p. 35) “Nossa identidade, até a mais individual, é construída a partir de um grupo de pertença. Esse último, ainda que afetado por fatores macrossociais, é ou se torna sua própria origem, neste sentido grupo nativo ou auto-referente, que pode, por exemplo, definir o termo ‘etnia’”.

Ao longo da história da humanidade, a etnia sempre foi fator fundamental de significado e reconhecimento. Não é exagero dizer que ela é uma das estruturas mais primárias de distinção e reconhecimento social.

O que entendemos por etnia... é uma combinação do grupo social, do território e do sistema de representação que apresenta duas características: por definição ela é parçelar, quer dizer, nenhuma argumentação, nenhuma racionalidade pode fazer convencer que é preciso assimilá-la ou fundi-la com uma outra; e ela depende unicamente da representação coletiva... ela está fundada na construção consensual de uma forma social e nada tem a ver com uma funcionalidade, com uma finalização qualquer, sobretudo política. (POCHE, 1996, p.42)
(BOURDIN, 2001, p. 36)

No caso, a representação coletiva se dá no veículo de comunicação, no jornal, fruto da identidade comunitária. Podemos até pensar num território étnico que, ainda de acordo com Bourdin (p. 81), “se desenvolve a partir de uma migração ou de uma ocupação tradicional e é marcado como o conjunto dos fenômenos étnicos, pela radicalização da semelhança e do entre-si”. Isso nos mostra que as identidades étnicas, nacionais e sociais são cada vez mais independentes das fronteiras nacionais e internacionais: são comunitárias; e que a etnia vem sendo especificada como fonte de significado e identidade, a ser integrada não com outras etnias, mas de acordo com princípios mais abrangentes de autodefinição cultural, como religião, nação etc..

Hibridismo – Mesmo que a comunidade seja bem estruturada com base em todos os itens citados anteriormente por Peruzzo e tenha uma identidade cultural fortemente arraigada, não podemos ingenuamente pensar que ela não sofre pressões. Suas raízes, a todo momento, são distorcidas, divididas, reprocessadas, misturadas, estigmatizadas ou recompensadas de maneiras distintas, seja por influencia macrossociais, interculturais ou pela possibilidade de mestiçagem. Neste cenário, é pertinente saber: como fica a preservação da identidade de uma comunidade frente a fatores externos, sejam eles de que ordem for?

Antes de mais nada, é preciso repensar, conforme propõe Néstor García Canclini (1998, p. 19), “essa divisão em pavimentos, essa concepção em camadas” do mundo da identidade cultural e averiguar sua hibridação. “Prefiro este termo (hibridação) porque abrange diversas mesclas interculturais — não apenas as raciais, às quais costuma limitar-se o termo ‘mestiçagem’ — e porque permite incluir as formas modernas de hibridação melhor do que ‘sincretismo’, fórmula que se refere sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais”.

Nesse contexto pode surgir outra questão: seria a unidade da identidade utópica, já que a mesma pode se fundamentar e se construir na diferença e na divisão à procura de uma totalidade? Stuart Hall, em seu livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* recorre a Robins para explicar tal fenômeno.

Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradução”. (HALL, 2005, p. 87)

É possível que a família comunitária seja modificada ou transformada sob os tais efeitos externos, mas permanece sem dúvida presente “em certas cabeças”, no inconsciente coletivo. Isso nos leva a falar em uma representação dominante das comunidades locais. “Imutáveis, ou quase, que requerem uma relação de pertença: a pessoa pertence a um lugar, de modo forte ou fraco, definitivo ou provisório, assim como pertence a um grupo” (BOURDIN, 2001, p. 183).

Sabemos que em toda parte do mundo, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição. Estas retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais, o que resulta em indivíduos pertencentes a uma cultura híbrida que, por sua vez, constitui um dos diversos tipos de identidade distintivamente novas produzidas nos dias de hoje. Dessa maneira, cabe voltar ao conceito de Tradução citado acima por Hall:

A Tradução descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem

simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). (HALL, 2005, p. 89)

E é exatamente isso que reflete na imprensa imigrante. Dento dela, os imigrantes falam sua língua de origem, revivem as tradições e culturas de seu país. Porém, fora, pertencem a uma outra cultura, falam uma outra língua, têm uma outra história de vida. Ou seja, elas pertencem a dois mundos diferentes simultaneamente. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. No momento em que o imigrante entra em seu passado — preservado pela memória coletiva e exposto num jornal — obtém uma fonte específica de identidade. Esta, influenciada sim por fatores externos, mas constituinte de um mesmo núcleo de cultura, de um princípio dinâmico de uma pessoa ou de uma comunidade em função de seu passado. Nela é possível promover sua capacidade de receber ajuda exterior em razão de suas necessidades, mas prosseguir com o contínuo processo de sua própria criação.

De acordo com Canclini, há quem continue afirmando sua identidade cultural, “desde os indígenas até os ecologistas”. Mas em geral todos reformulam seus capitais simbólicos em meio a cruzamentos e intercâmbios.

A sociabilidade híbrida que as cidades contemporâneas induzem nos leva a participar de forma intermitente de grupos cultos e populares, tradicionais e modernos. A afirmação do regional ou do nacional não tem sentido nem eficácia como condenação geral do exógeno: deve ser concebida agora como a capacidade de interagir com as múltiplas ofertas simbólicas internacionais a partir de posições próprias. (CANCLINI, 1998, p. 354).

Referências Bibliográficas

BOURDIN, Alain. **A Questão Local**. Trad. De Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro, DP&A, 2001

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – O poder da Identidade**. Vol. 2. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. Trad. De Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 2ª edição. São Paulo, Edusp, 1998.

FREITAS, Sônia Maria. **Falam os Imigrantes...Memória e Diversidade Cultural em São Paulo**. Tese de doutorado apresentada em cumprimento parcial às exigências do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2001.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª edição. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

PERUZZO, Cicília. **Mídia Local e Suas Interfaces com a Mídia Comunitária**. *Anuário UNESCO/UMESP de Comunicação Regional*. São Bernardo do Campo, Cátedra Unesco/UMESP, 2003.